



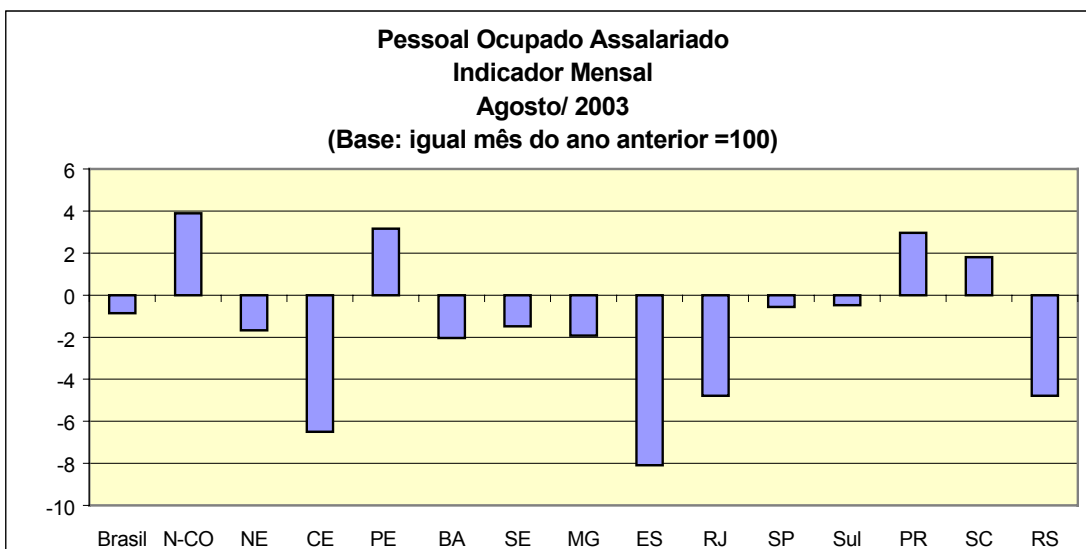
Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Após seis meses consecutivos mostrando queda na comparação mês/mês anterior, em agosto, o indicador do emprego industrial assinala 0,1% de crescimento em relação a julho, na série livre de influências sazonais. Ainda assim, entre janeiro e agosto deste ano, o emprego acumula queda de 1,7%. Em relação a agosto de 2002 a perda foi de 0,9%. No acumulado do ano o decréscimo foi de 0,4% e no acumulado nos últimos doze meses a taxa ficou em -0,3%.

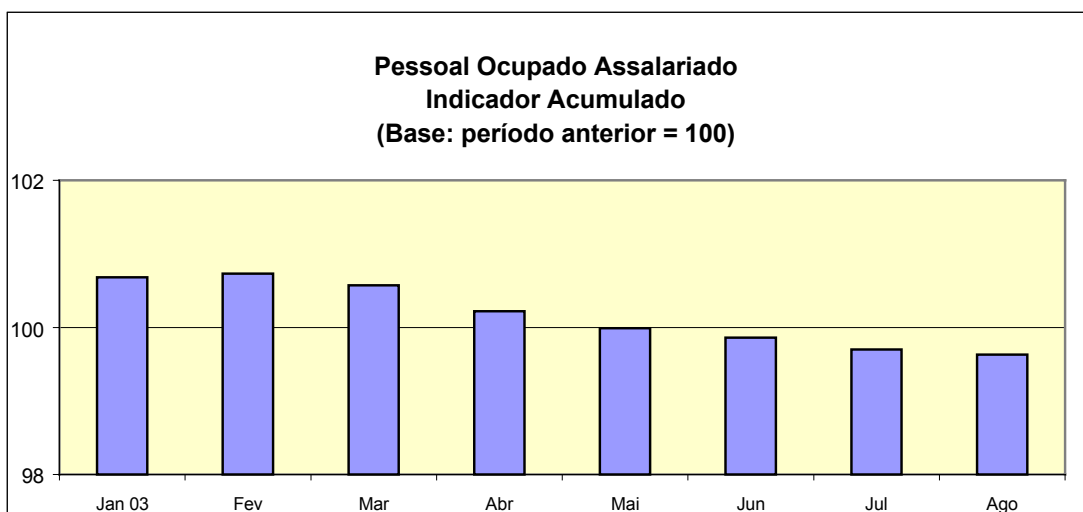
No comparativo contra igual mês do ano anterior, a taxa de -0,9%, foi a quinta negativa consecutiva, consequência de reduções observadas em dez áreas e onze divisões. Setorialmente, os ramos que participaram com os maiores pesos negativos na média nacional foram minerais não metálicos (-6,7%), têxtil (-5,7%), vestuário (-4,2%) e calçados e couro (-5,0%). Este último setor representou a principal pressão negativa sobre o emprego da indústria do Rio Grande do Sul (-4,8%), que junto com Rio de Janeiro (-4,8%), São Paulo (-0,6%) e Minas Gerais (-1,9%), foram os estados com maior participação na redução do contingente de trabalhadores.

Ainda no confronto mensal, entre os locais que apontaram aumento nos postos de trabalho, a região Norte e Centro-Oeste (3,9%) e o Paraná (3,0%) exerceram as contribuições mais significativas, ambos impulsionados por alimentos e bebidas, setor que alcança taxas de 6,8% e 9,7% nos respectivos locais. Também em nível nacional, confirma-se mais uma vez, o destaque para alimentos e bebidas, que com uma ampliação de 2,5% no número de pessoas ocupadas, foi a principal influência na formação da taxa global.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

O indicador acumulado no ano (-0,4%), por sua vez, vem apontando uma trajetória descendente, com predomínio de taxas negativas que atingem nove locais pesquisados. São Paulo (-0,6%), permanece como destaque, dividindo com a região Nordeste (-2,2%), os principais impactos negativos na queda do emprego. Em contraposição, os estados do Sul apresentaram a melhor performance, com Santa Catarina (3,0%) e Paraná (2,7%) se destacando como as principais influências positivas.

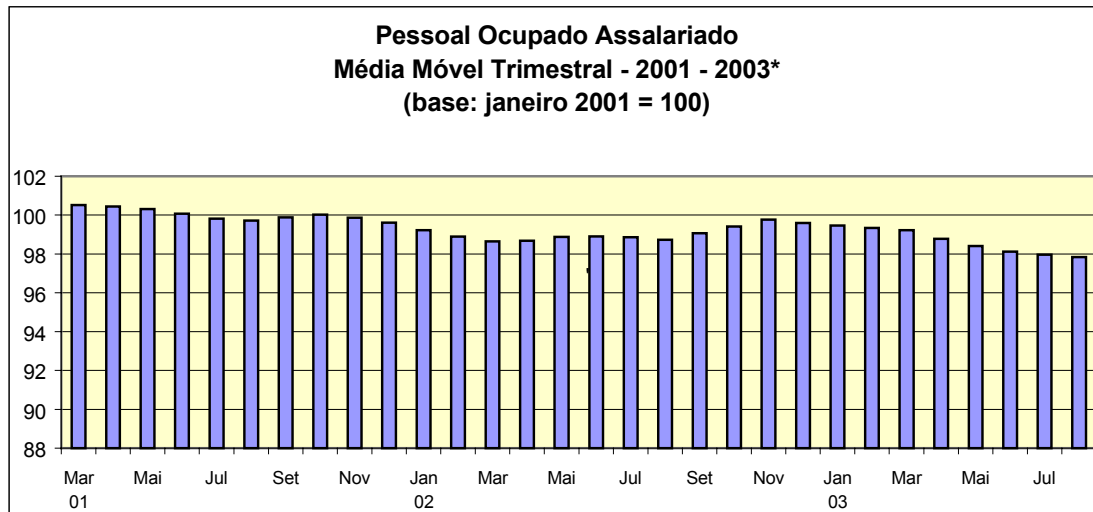


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

Na análise setorial, ainda no indicador acumulado, as demissões superam as admissões em nove ramos, com destaque para a influência negativa de outros produtos da indústria de transformação (-8,3%), e de minerais não metálicos (-5,3%). Novamente respondendo pelas pressões positivas mais significativas, destaca-se a indústria de alimentos e bebidas, com ampliação de 2,3% nos postos de trabalho.

A taxa anualizada, o indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,3%), mantém estável o ritmo de queda nos últimos três meses

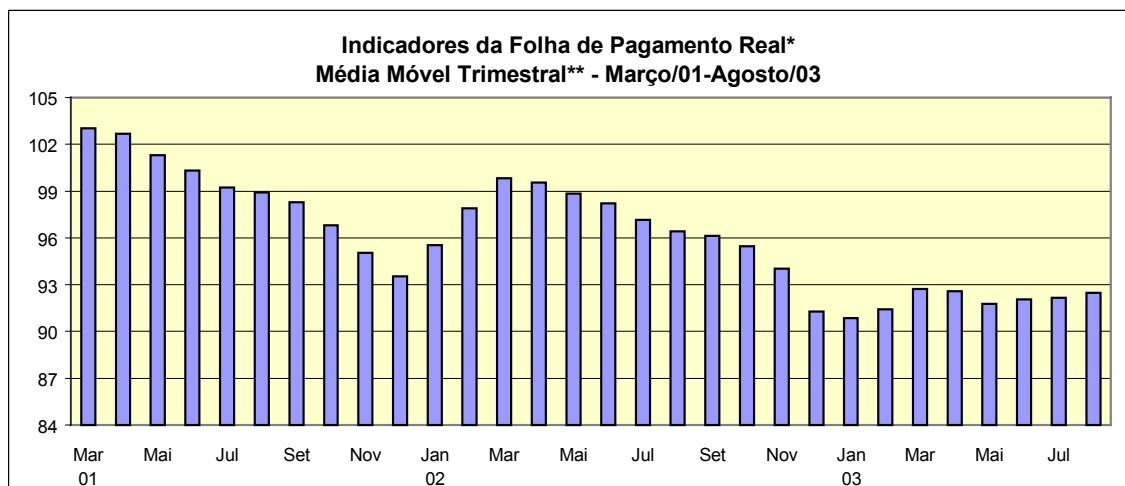
Por fim, o indicador de média móvel trimestral, ajustado sazonalmente, suaviza a trajetória de queda iniciada em abril, e fica 0,2% abaixo do trimestre encerrado em julho.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

FOLHA DE PAGAMENTO

A folha de pagamento dos trabalhadores do setor industrial, após dois meses consecutivos de expansão, volta, em agosto, a registrar perda real na comparação com o mês anterior, recuo de 1,3%, já descontadas as influências sazonais. Já os índices de médias móveis trimestrais mostram uma suave recuperação do valor da folha de pagamento: entre os trimestres encerrados em agosto e julho deste ano há um acréscimo de 0,3%.

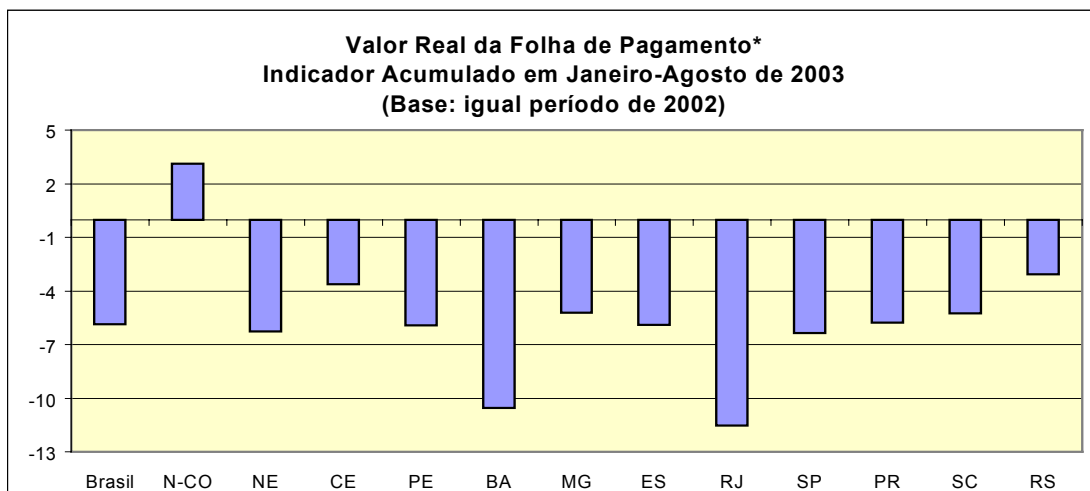


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria
* Deflacionado pelo IPCA-IBGE
** Série ajustada sazonalmente

Nos demais indicadores, a folha de pagamento da indústria brasileira permanece mostrando perda real: -4,2% em relação a agosto de 2002, -5,9% no acumulado do ano e -4,8% nos últimos doze meses. No que tange à folha média de pagamento, são registrados resultados negativos nos comparativos: agosto 03/agosto 02 (-3,3%), acumulado no ano (-5,5%) e no acumulado dos últimos doze meses (-4,5%).

Em relação a agosto do ano passado, treze dos quatorze locais pesquisados reduzem, em termos reais, a folha de pagamento de seus empregados. Na formação da taxa global de -4,2% as indústrias de São Paulo (-3,9%) e, conseqüentemente, as da região Sudeste (-4,7%) respondem, mais uma vez, pelas maiores contribuições negativas, influenciadas, em grande parte, pelos decréscimos no setor de papel e gráfica, com taxa de -19,3% em São Paulo e de -18,0% no Sudeste. Em termos de magnitude de queda, sobressaem Bahia (-15,2%) e Rio de Janeiro (-10,7%). Por outro lado, a região Norte e Centro-Oeste continua sendo a única área pesquisada que apresenta expansão (3,6%), impulsionada, principalmente, por alimentos e bebidas (12,7%). Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, decréscimos na maioria (quatorze) dos dezoito setores pesquisados, ficando o recuo de maior impacto na taxa global com papel e gráfica (-13,2%), vindo a seguir, minerais não metálicos (-13,5%), têxtil (-13,6%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-9,0%).

No indicador acumulado no ano, apesar dos números ainda serem negativos na quase totalidade (treze) dos quatorze locais pesquisados, observa-se desaceleração no ritmo de queda, fruto, principalmente, do impacto positivo do recuo das taxas de inflação sobre os salários ao longo de 2003. Também neste confronto, as indústrias de São Paulo (-6,3%) são as que mais pressionam negativamente a taxa global, influenciadas sobretudo pelas perdas assinaladas nos setores de papel e gráfica (-17,9%) e de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-17,6%); e as do Rio de Janeiro (-11,5%) e da Bahia (-10,5%) são as que registram as maiores quedas, em razão, principalmente, das reduções reveladas pelas indústrias extrativas (-13,6%), na primeira, e de produtos químicos (-13,6%), na segunda. A única área que ampliou a folha de pagamento, neste confronto, é a região Norte e Centro-Oeste (3,1%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

No total do país, ainda no indicador acumulado no ano, há redução na folha de pagamento dos trabalhadores em dezesseis dos dezoito setores analisados. Na formação da taxa global de -5,9%, destacam-se com os maiores impactos negativos: papel e gráfica (-14,1%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-13,0%) e minerais não metálicos (-15,8%). Com expansão figuram apenas os setores de alimentos e bebidas (1,5%) e de refino de petróleo e produção de álcool (1,9%).

No que tange à folha média real de pagamento da indústria, segundo o indicador acumulado no ano (-5,5%), são verificadas perdas em todos os locais e setores pesquisados. Regionalmente os decréscimos variaram entre o -1,0% registrado no Ceará e os -8,2% do Rio de Janeiro, Paraná e Bahia. Em nível setorial, são registrados decréscimos em todos os setores pesquisados, com as quedas mais intensas no total do país estão: indústrias extrativas (-14,0%) e papel e gráfica (-12,4%).

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses mostra, na passagem de julho para agosto, uma ligeira aceleração no ritmo de queda tanto do total da folha de pagamento, que passa de -4,6% para -4,8%, como na folha média (de -4,4% para -4,5%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em agosto, o indicador do número total de horas pagas na indústria exibiu uma redução de 0,8% em relação ao mês anterior, na série livre de influências sazonais, sendo essa a quarta taxa negativa consecutiva. A comparação com agosto de 2002 mostrou diminuição de 1,7%, o acumulado no ano

(-0,9%) acentuou a retração iniciada em março (-0,7%), enquanto que o indicador dos últimos doze meses manteve tendência de estabilidade (-0,6%). A jornada média de trabalho exibiu queda de 0,8% na comparação com igual mês de 2002, e recuos de 0,5% no acumulado no ano e 0,3% nos últimos doze meses.

O número de horas pagas apontou redução de 1,7% em relação a agosto de 2002, a sexta consecutiva, com onze dos quatorze locais pesquisados exibindo recuo neste indicador. Em termos regionais, a principal influência negativa na formação do índice global foi registrada no Rio Grande do Sul (-5,6%), seguido por São Paulo (-1,6%) e Rio de Janeiro (-5,2%). Também apresentaram-se com retração: Região Nordeste (-2,2%), Ceará (-7,1%), Minas Gerais (-1,8%), Espírito Santo (-7,5%), Santa Catarina (-0,3%) e Bahia (-0,6%). Inversamente, Paraná (3,4%), Região Norte e Centro-Oeste (2,2%) e Pernambuco (1,1%), assinalaram as principais contribuições positivas, em função, sobretudo, do crescimento das horas pagas em alimentos e bebidas, que alcançou taxas de 10,3%, 2,2% e 6,7%, respectivamente.

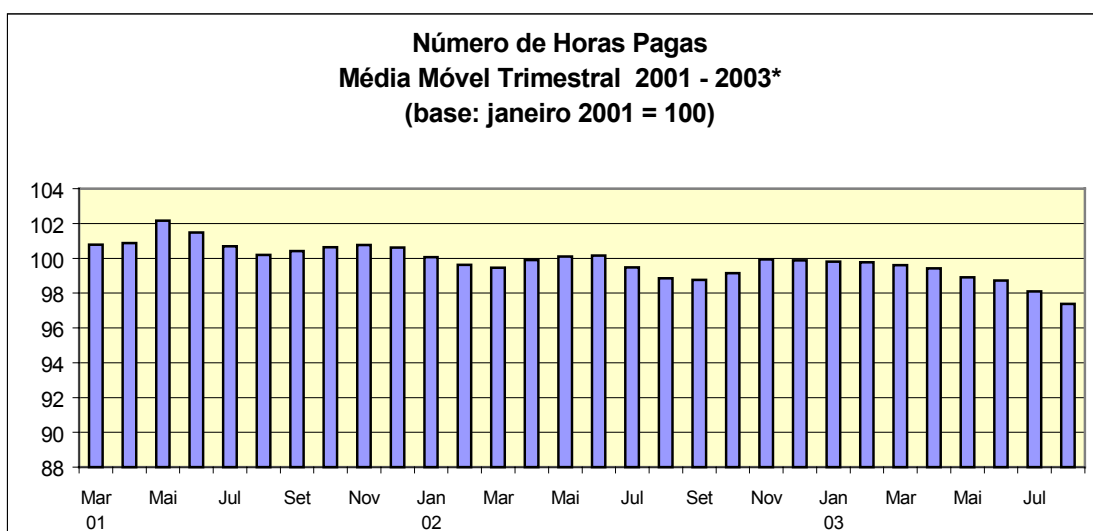
Em termos setoriais, ainda no indicador mensal, as principais pressões negativas na redução das horas pagas foram efetivadas, principalmente, pelos setores de vestuário (-5,9%), têxtil (-7,1%), outros produtos da indústria de transformação (-8,7%), minerais não-metálicos (-6,3%) e calçados e couro (-5,7%). Por outro lado, a maior contribuição positiva se originou no setor de alimentos e bebidas (2,2%).

O indicador acumulado no ano (-0,9%) retratou as perdas na jornada de trabalho em onze setores pesquisados. As reduções que mais impactaram a formação do índice geral se originaram nos setores de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,9%), têxtil (-4,8%) e minerais não-metálicos (-5,1%). Por outro lado, novamente, alimentos e bebidas (2,8%) gerou a principal contribuição positiva neste tipo de indicador.

O indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,6%) manteve uma estabilidade na trajetória das horas pagas, repetindo a mesma marca de julho, com onze setores pesquisados mostrando retração. A maior contribuição negativa foi devida à fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,2%), enquanto a maior positiva deveu-se a alimentos e bebidas (4,3%), repetindo, em termos de setores que se destacam, o observado

nos dois meses anteriores. Regionalmente, São Paulo (-1,8%) determinou a principal influência negativa, sendo seguido por recuos no Rio de Janeiro (-3,7%), Minas Gerais (-1,9%), Rio Grande do Sul (-1,7%), Espírito Santo (-2,2%) e Bahia (-0,9%). Por outro lado, os locais com os maiores impactos positivos foram: Região Norte e Centro-Oeste (4,2%), Paraná (3,5%) e Santa Catarina (2,0%).

Segundo o índice de média móvel trimestral, a evolução das horas pagas, entre julho e agosto, também assinalou redução, acompanhando o movimento apontado pelo emprego, porém de forma mais intensa (-0,7%), acentuando assim sua trajetória declinante.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal